

Catequeses Teresianas

IX

Para reforçar a representação do inestimável valor do ser humano, Teresa recorreu também à segunda narrativa de criação, em Génesis, capítulos 2-3: “Se bem o consideramos, irmãos, não é outra coisa a alma do justo senão um paraíso onde ele [Nosso Senhor] disse ter suas delícias. Pois não é isso que vos parece que será o aposento onde um Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro, tão cheio de todos os bens, se deleita?” (1M 1,1). Se, dizendo isto, Teresa pode ter pensado em Provérbios 8,31 (onde a Sabedoria é representada em contexto de criação a dizer: “as minhas delícias são estar com os humanos”), também deve ter querido referir-se ao tradicional «paraíso de delícias» de Gn 2-3, já testemunhado pela *antiga* tradução *latina* da Bíblia (*Vetus Latina*) como “horto de delícias [*hortus deliciarum*]”. Já no *Livro da Vida* (14,9) tinha usado a imagem: “Era para mim grande deleite considerar a minha alma um horto e que o Senhor se passeava nele”.

Para expor a experiência da grandeza da alma habitada por Deus, Teresa recorre a estes temas do Génesis, sem percebermos com precisão se a leitura bíblica foi a inspiradora da experiência pessoal ou se a experiência ajudou a compreender melhor o texto bíblico. Teresa faz-se eco do convite da narrativa bíblica a superar a superficialidade, a deixar a periferia das coisas e a descobrir o sentido da vida e a riqueza interior no fundo do ser humano. Por isso, logo no início do itinerário espiritual, acentua a necessidade do próprio conhecimento como forma de entrar no castelo, isto é, em si mesmo: “é grande coisa o próprio conhecimento” (1M 1,8). Desconhecer o próprio valor é viver na periferia de si próprio: “Não é pequena lástima e confusão que, por nossa culpa, não nos entendamos a nós mesmos, nem saibamos quem somos” (1M 1,2).

P. Armindo Vaz, OCD